

Justiça deve julgar este mês preso considerado 'meganegociador'

O empresário Augusto Morbach Neto é acusado de ligação com tráfico e lavagem de US\$ 4 milhões

RENATO LOMBARDI

Até o fim do mês, a Justiça Federal de São Paulo deverá julgar o processo 91.103.980, de novembro de 1991, em que o empresário Augusto Morbach Neto é acusado de ligação com o narcotráfico e lavagem de US\$ 4 milhões apreendidos e depositados desde aquele ano no Banco Central. O juiz Carlos Alberto Llovera, da 4ª Vara, poderá dar a sentença assim que voltar de férias.

Preso em São Paulo pela Polícia Federal, Morbach tinha deixado o dinheiro na casa do amigo médico Alfredo Chedid, no Belenzinho, zona leste, e alegou que os dólares, em notas de 1, 5, 10, 20 e 50, haviam sido recebidos pela venda de pedras preciosas de seu garimpo em Curionópolis, no Pará.

"O processo ainda não foi julgado?", surpreendeu-se o procurador da República, Francisco Dias Teixeira, que atuou no caso e desde 1996 está na área cível da Procuradoria.

Condenação — Teixeira, que pediu a condenação de Morbach, disse anteriormente que o processo passou por vários juizes e já deveria ter sido julgado. "Por diversas vezes os advogados de Morbach tentaram liberar os dólares, mas o Banco Central e os juizes impediram." No decorrer do processo, Morbach teve dificuldades para justificar sua fortuna em imó-

veis e explicou que fazia constantes viagens aos EUA e à Europa para vender pedras preciosas.

Para o procurador, o empresário é "um grande lavador" do narcotráfico internacional. "As apurações o apontaram também como um dos donos dos 1.124 quilos de cocaína apreendidos no México em maio de 1992, com a queda de um jatinho da empresa paulista Transamérica Táxi Aéreo, em que morreram dois pilotos brasileiros." A PF soube que o avião fora alugado pelos traficantes colombianos Diego Palácios Gutierrez e José Antônio Palou, este conhecido no mundo das drogas como *Dom Pepe*, do cartel de Cali.

Dono da Sistema Mineração Lida, empresa de importação e exportação de pedras preciosas e ouro estabelecida em Marabá, ele circulava pelo mundo a bordo de um avião Lear Jet. Poliglota — fala sete idiomas —, Morbach negou

o vínculo com o narcotráfico. Os federais souberam que ele sempre foi considerado um especialista em transações irregulares, principalmente na conversão de dólares, contrabando de ouro e pedras preciosas.

Foi ainda acusado em 1986 de ter participado do contrabando de urânio e armas para o Oriente Médio. Dias antes de ser preso, em 1991, tinha comprado um Lear Jet da Líder Táxi Aéreo dando como entrada US\$ 1 milhão à vista, a primeira parte dos US\$ 5,9 milhões acertados com a empresa. Depois da prisão, a compra

do jatinho foi desfeita. "Morbach é um meganegociador", acredita o delegado Roberto Precioso, coordenador regional da PF em São Paulo e responsável pela prisão. "A função dele era lavar os dólares misturando-os a seus negócios."

Numa conversa informal com delegados da PF, nos dias em que esteve preso, Morbach aconselhou os a usar o raio X para revistar as bagagens que deixam os aeroportos brasileiros e a controlar todos os vôos de carreira ou privados que saem do País com dólares. Na ocasião, ele disse que Paulo César Farias era o "campeão internacional de vôos para a Europa com dólares".

Quando foi interrogado oficialmente, na polícia e na Justiça, Morbach negou o fato, apesar de a conversa ter sido gravada.

EM CONVERSA INFORMAL, DEU CONSELHOS À POLÍCIA FEDERAL

ONU — A Polícia Federal e a Receita Federal têm enfrentado muita dificul-

dade para identificar os grupos ligados aos responsáveis pela lavagem de dinheiro no Brasil. Tráfico de drogas, corrupção, caixa dois e contrabando são os principais caminhos dessa economia oculta, que não paga impostos e usa o sistema financeiro brasileiro para mandar recursos ilegalmente para fora do País.

Em 1993, o Programa de Controle de Drogas da Organização das Nações Unidas (ONU) publicou relatório sugerindo que o dinheiro lavado anualmente no Brasil deve ser entre US\$ 4 bilhões a US\$ 10 bilhões.